

**RESSIGNIFICAÇÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM DE ELE E PLE NA  
CONTEMPORANEIDADE: UM ESPAÇO DE ALTERIDADE E DE ESCUTA ATIVA  
PARA O RESGATE DA NATUREZA HUMANA**

**RESIGNIFICACIÓN DE LA ENSEÑANZA Y DEL APRENDIZAJE DE ELE Y PLE EN  
LA CONTEMPORANEIDAD: UN ESPACIO DE ALTERIDAD Y DE ESCUCHA  
ACTIVA PARA EL RESCATE DE LA NATURALEZA HUMANA**

**RECONCEPTUALIZATION OF ELE AND PLE TEACHING AND LEARNING IN  
CONTEMPORARY TIMES: A SPACE FOR OTHERNESS AND ACTIVE LISTENING  
TO RESTORE HUMAN NATURE**



Ivani Cristina Brito FERNANDES<sup>1</sup>  
e-mail: icrisifer@gmail.com

**Como referenciar este artigo:**

FERNANDES, I. C. B. Resignificação do ensino e da aprendizagem de ELE e PLE na contemporaneidade: Um espaço de alteridade e de escuta ativa para o resgate da natureza humana. *Rev. EntreLinguas*, Araraquara, v. 9, n. esp. 1, e023021, 2023. e-ISSN: 2447-3529. DOI: <https://doi.org/10.29051/el.v9iesp.1.18424>



- | Submetido em: 10/07/2023
- | Revisões requeridas em: 22/09/2023
- | Aprovado em: 16/10/2023
- | Publicado em: 20/11/2023

**Editores:** Profa. Dra. Rosangela Sanches da Silveira Gileno  
**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria – RS – Brasil. Professora Associada do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas.

**RESUMO:** O presente trabalho objetiva refletir sobre o papel do ensino e da aprendizagem do Espanhol como Língua Estrangeira (ELE) e do Português como Língua Estrangeira (PLE) na contemporaneidade pós-pandêmica. A partir da articulação teórica entre as abordagens da Linguística Aplicada e da Psicanálise, mediada por uma metodologia exploratória e qualitativa, foi apresentado como hipótese a resignificação de ELE e PLE como espaços de construção e valorização da alteridade, das experiências e da escuta ativa em prol da formação integral do ser humano. Em um cenário caracterizado pelo desempenho, pelo hiperconsumismo, pelo narcisismo, pela cibercultura e pela indiferença, se torna essencial considerar o ensino e a aprendizagem da língua estrangeira como resgate da natureza humana no que se refere à alteridade e à singularidade, ao invés de limitar este processo a uma questão comunicacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** ELE. PLE. Contemporaneidade. Alteridade. Escuta ativa.

**RESUMEN:** *Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre el papel de la enseñanza y el aprendizaje del español como lengua extranjera (ELE) y del portugués como lengua extranjera (PLE) en la contemporaneidad postpandemia. Por medio de la articulación teórica entre enfoques de Lingüística Aplicada y de Psicoanálisis, mediada por una metodología exploratoria y cualitativa, planteamos como hipótesis la resignificación de ELE y PLE como espacios de construcción y valoración de la alteridad, de las experiencias y de la escucha activa en favor de la formación integral del ser humano. En un contexto caracterizado por el rendimiento, el hiperconsumismo, el narcisismo, la cibercultura y la indiferencia, es esencial considerar la enseñanza y el aprendizaje de la lengua extranjera como una recuperación de la naturaleza humana en lo que respecta a la alteridad y a la singularidad, en lugar de limitar este proceso a una cuestión comunicativa.*

**PALABRAS CLAVE:** ELE. PLE. Contemporaneidad. Alteridad. Escucha activa.

**ABSTRACT:** *This present work aims to reflect on the role of teaching and learning Spanish as a Foreign Language (ELE) and Portuguese as a Foreign Language (PLE) in the post-pandemic contemporary context. Grounded in the theoretical integration of Applied Linguistics and Psychoanalysis, mediated by an exploratory and qualitative methodology, the hypothesis presented is the redefinition of ELE and PLE as spaces for the construction and valorization of alterity, experiences, and active listening in favor of the integral formation of the human being. In a scenario characterized by performance, hyperconsumerism, narcissism, cyberculture, and indifference, it becomes essential to consider foreign language teaching and learning as a rescue of human nature concerning alterity and singularity rather than limiting this process to a communicational issue.*

**KEYWORDS:** ELE. PLE. Contemporaneity. Otherness. Active listening.

---

## Introdução

Qual a pertinência de ensinar e aprender uma língua estrangeira, considerando o advento da Inteligência Artificial em uma Contemporaneidade pós-pandêmica? Essa questão adquire relevância em um período em que diversos softwares são capazes de traduzir textos em diversas modalidades em tempo real. Essas ferramentas, de fato, facilitam a comunicação em várias línguas. Nesse contexto, a necessidade de aprender uma língua como meio de comunicação parece, pelo menos em parte, resolvida a partir de uma perspectiva mais imediatista e tecnológica.

No caso específico do espanhol e do português como língua estrangeira (respectivamente ELE e PLE), a questão parece mais intrigante, uma vez que existe o senso comum, entre hispanofalantes e lusofalantes, de que “são línguas muito parecidas, quase iguais” e “de fácil aprendizagem”, o que daria a impressão de (falsa) transparência. Neste sentido, os problemas de entendimento e interação entre tais falantes estariam praticamente solucionados nos mais variados âmbitos, que iriam além do meramente comunicacional.

Observar a atuação das diversas versões do ChatGPT<sup>2</sup>, durante a geração automática de respostas e textos de diversos gêneros, em vários idiomas, parece abrir novas possibilidades, onde a expressão escrita ou oral em uma língua estrangeira deixaria de ser “um obstáculo”. Os mais otimistas poderiam imaginar a chegada de um futuro descrito em algumas obras de ficção científica: comunicação ilimitada independentemente do idioma. Finalmente, o idílico projeto da Torre de Babel realizado com alguns tantos séculos de atraso!

Entretanto, ao formular questionamentos mais refinados e perspicazes, nota-se que o cenário não se apresenta tão claro e de fácil compreensão como alguns profissionais com visões pragmáticas podem almejar. Basta revisitar a essência da natureza da linguagem para compreender o que constitui o ser humano.

Entre os diversos caminhos teóricos que poderiam ser explorados, recorda-se a premissa célebre benvenistiana: “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constituiu como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, 2005 [1958], p. 286, grifos do autor). Com base nesse axioma, compreende-se o motivo pelo qual as inovações em ferramentas, fundamentadas em

---

<sup>2</sup> “*Generative Pre-Trained Transformer*”: algoritmo baseado em inteligência artificial que tem o seu foco em desenvolvimento de diálogos e textos, uma vez que sua estrutura se vincula a rede neurais e “*machine learning*”. Para saber mais, ver: <https://www.mundoconectado.com.br/tecnologia/chat-gpt-o-que-e-como-funciona-e-como-usar/>.

Inteligência Artificial (I.A.), voltadas para o desenvolvimento linguístico e “*Machine Learning*”, nos causam admiração e apreensão simultaneamente. Ao proporcionarem o desenvolvimento de uma estrutura textual coerente e coesiva, tais ferramentas tecnológicas digitais podem mimetizar uma aproximação à natureza humana do “fazer-se sujeito”, o que abre portas para a discussão sobre a possibilidade de que, em médio prazo, a Inteligência Artificial possa tomar consciência:

O espectro da I.A. assombra a humanidade desde meados do século 20, mas até recentemente permaneceu uma perspectiva distante, algo que pertence mais à ficção científica do que a sérios debates científicos e políticos. É difícil para nossa mente humana compreender as novas capacidades do GPT-4 e ferramentas semelhantes, e é ainda mais difícil compreender a velocidade exponencial em que essas ferramentas estão desenvolvendo capacidades ainda mais avançadas e poderosas. Mas a maioria das habilidades-chave se resume a uma coisa: a capacidade de manipular e gerar linguagem, seja com palavras, sons ou imagens.

"No princípio era o verbo". A linguagem é o sistema operacional da cultura humana. Da linguagem emergem mitos e leis, deuses e dinheiro, arte e ciência, amizades e nações –até mesmo códigos de computador. O novo domínio da linguagem da IA significa que agora ela pode hackear e manipular o sistema operacional da civilização. Ao obter o domínio da linguagem, a IA está apreendendo a chave mestra da civilização, de cofres de banco a sepulcros sagrados (HARARI; HARRIS; RASKIN, 2023, n.p.).

Ainda cabe destacar que a linguagem é uma noção fundamental nos estudos freudianos sobre o inconsciente e, conseqüentemente, para o estabelecimento da Psicanálise como ciência. Basta lembrar que, segundo Costa (2015), no texto freudiano de 1891 — *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico* —, o autor enfatiza o quanto Freud acredita ser um aspecto primordial a questão funcional da linguagem, no que se refere aos processos mentais e psíquicos do ser humano.

Neste sentido, “o pai da Psicanálise” destaca que a natureza humana vai muito além de um aspecto puramente biológico, e para tentar compreendê-la, deve-se enveredar pelas sendas da representação e do simbólico, conforme será desenvolvido em estudos subsequentes.

Ao trazer novamente as palavras de Benveniste para esta reflexão, o linguista sírio-francês não considera a linguagem como mero instrumento comunicacional, na realidade, é antes o elemento responsável pela natureza simbólica que nos diferencia dos demais seres, estabelecendo uma característica (inter)subjetiva:

A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou [...]. Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem (BENVENISTE, 2005 [1958], p. 285).

Neste momento, parece coerente introduzir algumas reflexões recentes do sociólogo e filósofo Edgar Morin, conforme presente na obra *Ensinar a viver: Manifesto para mudar a educação* (2015). Morin defende que a Educação deveria se orientar pelo tema de “saber viver”, compreendido como a experiência dos acontecimentos, considerando o conhecimento de si, do outro e do mundo, especialmente neste mundo contemporâneo:

É preciso compreender que toda decisão é desafio, fato que em lugar de propiciar uma certeza ilusória, implica vigilância.  
É preciso aprender a navegar em um oceano de incertezas, através de arquipélago de certezas.  
Seria necessário ensinar princípios de estratégias que permitam enfrentar as aleatoriedades, o inesperado e o incerto, e modificar seu desenvolvimento, em virtude das informações adquiridas no transcorrer do processo [...].  
[Portanto], a educação para viver deve favorecer, estimular uma das missões de qualquer educação: a autonomia e a liberdade do espírito [...]. Não existe autonomia mental sem a dependência de quem a nutre, ou seja, a cultura, nem sem a consciência dos perigos que ameaçam essa autonomia, ou seja, os perigos da ilusão e do erro, das incompreensões mútuas e múltiplas, das decisões arbitrárias pela incapacidade de conceber os riscos e as incertezas (MORIN, 2015, p. 50-51).

Nota-se que Morin destaca a importância da autonomia em um cenário de incertezas e de alteridade, dado que a cultura implica em um mosaico de diversidades para tentar abarcar possíveis alternativas de respostas para questões transcendentais, tais como: “de onde vim?”; “quem sou eu?”; “para onde vou?” e “qual o sentido da minha existência?”.

Morin argumenta que a Educação deveria ser um guia para chegar a uma “antropoética”, podendo ser entendida como um sistema ético para destino humano:

A ética, cujas fontes simultaneamente muito diversas e universais são a solidariedade e a responsabilidade, não poderia ser ensinada por meio de lições de moral. Ela deve se formar nas mentes a partir da consciência de que o ser humano é ao mesmo tempo indivíduo, faz parte de uma sociedade, faz parte de uma espécie. Trazemos, em cada um de nós essa tríplice realidade. Qualquer desenvolvimento verdadeiramente humano deve comportar também o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das solidariedades comunitárias e da consciência de pertencimento à espécie humana (MORIN, 2015, 156-157).

Em um cenário pós-pandêmico, inserido em uma Contemporaneidade marcada pela fragilidade, ansiedade, não-linearidade e a incompreensão (o mundo B.A.N.I.<sup>3</sup>), torna-se essencial reconstruir uma rede de alteridade que modele vínculos de solidariedade, pertencimento e equidade, tendo o conhecimento e o respeito à diversidade e à singularidade como eixos dessa tessitura humana pós-pandêmica. Uma das possibilidades é o trabalho de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras baseado em noções filosóficas e psicanalíticas que visem a articulação, por um lado, da singularidade e da autenticidade e, por outro, da solidariedade e da visão espontânea-empática para com o outro.

Nesta perspectiva, ao considerar a diversidade e a semelhanças existentes nas sociedades latino-americanas, enfocar na construção de um labor pedagógico a partir de ELE e de PLE pode ser uma abordagem emergente para redimensionar o lugar do ensino e da aprendizagem de língua estrangeira na Contemporaneidade, caracterizada pelo impacto da cibercultura, da fragmentação e da incerteza.

### **Para entender o lugar da língua estrangeira na Contemporaneidade: articulação entre abordagens da Linguística Aplicada e da Psicanálise Aplicada**

Ampliar a reflexão sobre o ensino e a aprendizagem de ELE e PLE, que vai além dos objetivos meramente comunicativos e interacionais, não é algo inédito. Tendo em conta o espaço desta reflexão, a título de exemplo, será apresentado algumas considerações do trabalho de Márcia Paraquett (2009): *Linguística Aplicada, inclusión social y aprendizaje de español en contexto latinoamericano*. A autora argumenta que, frente aos desafios das sociedades latino-americanas, é necessário introduzir, na área de ELE no Brasil, um novo discurso que enfoque uma perspectiva social e cultural, visto que se deve observar as necessidades e particularidades do contexto brasileiro e sua relação com a região.

*Los PCN [Parámetros Curriculares Nacionales] llaman la atención de los profesores en cuanto a la necesidad de no limitarse a aspectos formales en la enseñanza de lenguas extranjeras modernas, sino, y principalmente, preocuparse de la formación general de los alumnos como ciudadanos [...]. Además de esta cuestión tan importante en sí misma, el documento, se ocupa de la diversidad lingüística y cultural de las lenguas extranjeras modernas,*

<sup>3</sup> Acrônimo inglês que reúne os conceitos de “Brittle”, “Anxious”, “Nonlinear” e “Incomprehensible” com o objetivo de conceituar o mundo no cenário do mercado, em especial, no período pós-pandêmico. Disponível em: <https://exame.com/carreira/bani-carreira/>. Acesso em: 20 ago. 2023.



*proponiendo prácticas y actitudes que lleven a exponer a los alumnos a diferentes realidades socioculturales, pero sin perder la referencia de su contexto. Quizás por primera vez se tenta la conciencia de que los intereses por aprender una lengua extranjera moderna estaban más allá de viajar a países extranjeros, derecho de una pequeñísima parcela de la sociedad brasileña. Por ello, fuimos buscando las razones que explicaban y justificaban nuestro afán de presentar una nueva lengua a aquellos alumnos, de escuela pública, sobre todo, que aprendieran por otros motivos. Y entre los muchos motivos, desde mi punto de vista, está la posibilidad de que se conozca a sí mismo, que conozca su entorno, su cultura, su idiosincrasia, pero a partir de la comparación con lo que le es “extranjero”.*

*De esa forma, aprender lenguas extranjeras pasó a ser una oportunidad de crecimiento, de reflexión de autoconocimiento, de autocrítica. Conocer lo que es diferente para conocerme. Y, cuando me conozco, cuando me reconozco en el discurso ajeno, puedo emprender cambios que me permitan formar parte de lo colectivo, de lo que, en principio, es global. Por fin, aquella discusión nos permitió comprender que el aprendizaje de lenguas extranjeras podría ser una herramienta importante en el sentimiento de inclusión social y cultural (PARAQUETT, 2009, p. 05-06).*

Em direção análoga ao que pensa Paraquett, a pesquisadora Silvana Serrani coloca como protagonista na sala de aula, o aspecto sociocultural do ensino de língua, por meio da atenção às diversas discursividades que se articulam e/ou se confrontam no ensino e na aprendizagem de uma língua estrangeira. Nesse contexto, Serrani (2005, p. 15) esboça a noção de “professor de língua como interculturalista” como aquele “docente, de língua materna ou estrangeira, apto para realizar práticas de mediação sociocultural, contemplando o tratamento de conflitos identitários e contradições sociais, na linguagem da sala de aula”.

Dessa forma, questões como o processo de formação de subjetividade no dito e não dito na língua estrangeira, e, a maneira como esse processo é desenvolvido nas discursividades, tornam-se um ponto fundamental no trabalho didático em prol da discussão sobre as identidades socioculturais.

Aspectos primordiais no trabalho com a língua incluem questões como práticas sociais inerentes aos processos linguísticos, contextualização de domínios, gêneros textuais e discursivos, legados socioculturais, intertextualidades, deslocamentos e reformulações textuais e, principalmente, modos de (não) dizer e seus efeitos de sentido. O encontro e/ou confronto com “o estranho” e “o diverso” em termos psíquicos, culturais, sociais e históricos podem evidenciar ao sujeito-aprendiz modos de ser e conviver que, ora nos deixam diante do abismo de nosso narcisismo e intolerância, ora revelam uma alternativa criativa à biofilia, quando se é aceito a alteridade como possibilidade de reorganização e reinvenção de um existir no mundo instável da Contemporaneidade.

Até este ponto da trajetória reflexiva, destaca-se que o trabalho pedagógico e didático com e a partir de uma língua estrangeira transcende uma mera questão de comunicação pragmática, especialmente na era da Inteligência Artificial, que constrói simulacros interacionais. Por outro lado, enfatiza-se a importância de um olhar atento para as construções textuais e discursivas que iluminam aspectos identitários, denunciando preconceitos e desigualdades na relação com o diferente e no reconhecimento da alteridade.

A reflexão avança, sinalizando um aspecto pouco explorado no cotidiano das discussões sobre o trabalho com línguas estrangeiras: a relevância dos processos psíquicos de (inter)subjetivação implicados no contato com outra língua. Para abordar essa questão, são apresentadas considerações do estudo célebre de Christine Revuz (1998) sobre a problemática de encontros, confrontos e deslocamentos com/do “eu” durante o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. A autora destaca que uma parte considerável dos fracassos na aprendizagem de uma língua, teoricamente atribuídos a questões didáticas ou cognitivas, pode esconder diferenças entre pessoas e comunidades. Tais diferenças indicam que a problemática pode estar centrada na relação entre a língua(gem) e a constituição do “eu” e como a chegada de outra língua pode desvelar essa relação:

A língua estrangeira, objeto de saber, objeto de uma aprendizagem raciocinada é, ao mesmo tempo, próxima e radicalmente heterogênea em relação à primeira língua. O encontro com a língua estrangeira faz vir à consciência alguma coisa do laço muito específico que mantemos com *nossa* língua. Esse *confronto entre primeira e segunda língua* nunca é anódino para o sujeito e para a diversidade de estratégia de aprendizagem (ou de não aprendizagem) de uma segunda língua, que se pode observar quando se ensina uma língua e se explica, sem dúvida, em grande parte modalidades desse confronto (REVUZ, 1998, p. 215, grifos da autora).

Em segundo lugar, o processo de aprendizagem se configura, nessa perspectiva, como uma abertura de “um novo espaço potencial para a expressão do sujeito, [em que] a língua estrangeira vem questionar a relação que está instaurada entre o sujeito e sua língua (Revuz, 1998, p. 220). Entre algumas implicações, é importante considerar a relação que o sujeito possui com o inconsciente, o que vai incidir na suposta facilidade ou dificuldade do sujeito-aprendiz em “vestir” o seu “eu” com uma outra indumentária, nem sempre desejada.

Toda a tentativa para aprender uma outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa primeira língua. Muito antes de ser objeto de conhecimento, a língua é o material



fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional. Se não se escamoteia essa dimensão, é claro que não se pode conceber a língua como um simples “instrumento de comunicação”. É justamente porque a língua não é em princípio, e nunca, só um “instrumento”, que o encontro com uma outra língua é tão problemático, e que ela suscita reações tão vivas, diversificadas e enigmáticas. Essas reações se esclarecem um pouco se for levado em consideração que o aprendiz, em seu primeiro curso de língua, já traz consigo uma longa história com *sua* língua (REVUZ, 1998, p. 217, grifos da autora).

Em terceiro lugar, é possível contemplar fenômenos psíquicos relacionados à subjetivação que permanecem ocultos em vários processos de aquisição e aprendizagem de uma língua estrangeira. Em linhas gerais, por um lado, durante a dinâmica interacional em língua estrangeira, com novos sons articulados, a aprendizagem corporal implicada em uma nova relação com o aparelho fonador pode levar o sujeito a experimentar um sentimento de regressão, em que surge a impotência infantil de fazer-se compreender. Por outro lado, no processo diferenciado de denominação, surge um sentimento de deslocamento, no qual ocorre uma delimitação da realidade desprovida da carga afetiva.

O que se estilhaça ao contato com a língua estrangeira é a ilusão de que existe um ponto de vista único sobre as coisas, é a ilusão de uma possível tradução termo a termo, de uma adequação da palavra à coisa. Pela intermediação da língua estrangeira se esboça o deslocamento do real e da língua. O arbitrário do signo linguístico torna-se uma realidade tangível, vivida pelos aprendizes na exultação...ou no desânimo (REVUZ, 1998, p. 224).

Por último, a psicanalista francesa concebe a aprendizagem de uma língua estrangeira como um desafio de vasculhar o que é distinto, inclusive incorporando-o nas (re)construções de modos de ser, em que se aceita a dinâmica “de sua própria diferença interna, da não coincidência de si consigo, de si com os outros, de aquilo que se diz com aquilo que se desejaria dizer” (REVUZ, 1998, p. 230).

Essas reflexões proporcionam novas perspectivas em um período de intensos fluxos migratórios, frequentemente evidenciando a violência física e psicológica das desigualdades sociais e da rejeição ao outro, em contraste com a convivência com o estrangeiro no outro e em si mesmo. Dessa forma, o trabalho com ELE para brasileiros e do PLE para migrantes e refugiados nunca será apenas uma questão comunicacional ou de processo didático, uma vez que “*aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se um outro*” (REVUZ, 1998, 227, grifos da autora).

Cabe destacar que há vários trabalhos que se dedicam ao ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira no contexto de refugiados, particularizando como “língua de acolhimento”, “voltada à população migrante” (MODESTO-SARRA, 2022, p. 194), em que se concebe a língua também como caminho de inclusão social, de interação afetiva e exercício de cidadania democrática. Esta reflexão busca contribuir para este campo de estudo.

Entretanto, compreende-se que muitas das premissas presentes nas discussões sobre língua de acolhimento poderiam ser incorporadas ao ELE e ao PLE de forma geral, pois o trabalho com a noção de acolhimento, de pertencimento e de escuta do outro é de fundamental importância em outros grupos, inclusive porque, em maior ou menor medida, todos estão sofrendo as consequências do processo de dessubjetivação na Contemporaneidade. De todas as formas, os refugiados são os coletivos mais vulneráveis a essa violência.

Neste contexto, é relevante refletir sobre como o outro é percebido na sociedade pós-pandêmica na Contemporaneidade. Para auxiliar nessa reflexão, baseia-se na noção de Giorgio Agamben, presente em sua obra *Estado de exceção* (2004). O filósofo italiano constrói a figura do *Homo sacer*, cuja condição de entremeio entre dimensão biológica da vida (*zôe*) e a dimensão política de direitos e deveres (*bíos*), faz com que o sujeito não tenha condições adequadas de vivência, mas sim de sobrevivência.

Em outras palavras, se pode definir a representação do “*Homo sacer* como aquele que está destituído de todo e qualquer amparo, que pode ser morto sem que este acontecimento seja considerado um crime” (MACEDO, 2022, p. 7). Infelizmente, a estrutura social e estatal, caracterizada pela desigualdade, violência e exclusão, permite que vários grupos humanos se enquadrem nessa categoria atualmente. Agamben (2015) indica que o refugiado é o *Homo sacer* de nosso tempo, sendo uma figura política do Contemporâneo.

Essa figura torna-se vítima do trauma e da invisibilidade sociais, conforme revelado pelo estudo da psicanalista Mónica Macedo (2022). Segundo a autora, a diáspora contemporânea e seus impasses provocam a exclusão extrema, onde a união dos “iguais” não possibilita a vivência física e psíquica do “diferente”.

A forçada invisibilidade social atribuída ao estrangeiro no contexto do refúgio e da migração é, portanto, decorrente da crueldade e do rechaço ao diferente, ou seja, precisa ser tomada como testemunho da indiferença em relação ao outro [...].

Predomina, portanto, a destituição de seu direito a estabelecer laços de pertença e de ter reconhecidas suas diferenças subjetivas, culturais, linguísticas, simbólicas e políticas. Fica, assim, imposta ao sujeito, a

invisibilidade tirânica daquele que não o tolera em sua diferença, tampouco, o reconhece como semelhante (MACEDO, 2022, p. 08-09).

Tal cenário se agrava com a pandemia da COVID-19, onde as diversas posturas governamentais intensificaram o sentimento de desamparo e desalento. Como sintetiza Birman (2020), em sociedades que tiveram posturas uníssonas referentes ao isolamento social e aos parâmetros sanitários de proteção, a partir de um discurso científico, o sujeito tinha a sensação de que poderia confiar em um outro (real ou psíquico), como um elemento de proteção diante da adversidade e da morte.

Porém, em algumas sociedades (como a brasileira), em que houve discursos ambíguos que não possibilitavam a sensação de proteção pública, o sujeito se sente entregue ao acaso e à arbitrariedade. Estas ópticas levam o sujeito ao sentimento de desamparo ou de desalento:

É óbvio que se no desamparo o sujeito acredita ainda no apelo ao Outro — como dimensão de cuidado e segurança, que pode ser representada pelas mais variadas formas, que vão das figuras parentais aos governantes —, a fragilidade e a ausência dessa instância de proteção podem conduzir o indivíduo inequivocamente à condição subjetiva do desalento, que tem um efeito sobre o psíquico de fragmentação e de desconstrução, de maneira mais acentuada do que o desamparo. De fato, se pelas experiências europeias e asiáticas da atual pandemia os cidadãos puderam se crer salvaguardados pelas autoridades governamentais, em contrapartida, nas experiências brasileira e norte-americana, nas quais essa proteção estava ausente, o que se impôs foi o desalento, de maneira trágica, ampla, geral e irrestrita (BIRMAN, 2020, p. 152).

Considerando uma perspectiva alternativa para o ensino e aprendizagem de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE) e Português como Língua Estrangeira (PLE) em um panorama contemporâneo, especialmente no pós-pandêmico, propõe-se o trabalho pedagógico nestes campos por meio de um olhar interdisciplinar que articule abordagens filosóficas e psicanalíticas. O intuito é resgatar a importância da alteridade na vivência individual e coletiva, considerando-a um aspecto fundamental nos processos de (inter)subjetivação e construção do psiquismo.

## Condições de um olhar para a alteridade e uma escuta ativa: considerações sobre o papel de ELE e PLE no Contemporâneo

Existem diversos contextos quando pensamos em casos concretos de ELE e PLE no Brasil. A título de exemplo, destaca-se o espanhol como língua estrangeira para brasileiros, além de língua adicional em regiões de fronteira. No caso do português, salientam-se o PLE para falantes hispanos, como os refugiados venezuelanos<sup>4</sup> ou imigrantes bolivianos, colombianos e cubanos.

Como mencionado anteriormente, o ensino e a aprendizagem do espanhol e do português não devem limitar-se ao aspecto comunicacional imediatista ou a políticas educacionais e humanitárias assistencialistas que possam gerar sentimentos de indiferença e violência simbólica em um trabalho pedagógico mecânico e inócuo.

Neste momento sócio-histórico, caracterizado por um sistema educacional desconstruído após políticas institucionais temerárias, e por uma sociedade polarizada e traumatizada pelos ataques antidemocráticos contra as instituições e grupos minoritários, o trabalho pedagógico em línguas estrangeiras deve assumir um compromisso mais desafiante em prol do combate à desigualdade e ao preconceito de diferentes naturezas. Diante desse cenário, propõe-se a alternativa de pensar a língua estrangeira como um lugar de reconhecimento da alteridade e de escuta ativa, a partir da interface de abordagens filosóficas e psicanalíticas.

No que concerne a uma perspectiva filosófica, a reflexão se baseia nos estudos de Byung-Chul-Han (2022), conhecido pelo conceito de sujeito do desempenho (um sujeito empreendedor de si mesmo, que pratica a autoexploração em busca de positividade e performance). Em seu ensaio *A exploração do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje* (2022), o filósofo sul-coreano argumenta que uma das atividades mais significativas na contemporaneidade é a escuta, pois “só a escuta possibilita ao outro falar” (HAN, 2022, p. 127).

O espaço político é um espaço em que me confronto com outros, falo com outros e os escuto.

O escutar tem uma dimensão política. Ele é uma ação, participação ativa na existência do outro e também no seu sofrimento. Só ele liga e medeia os seres humanos primeiramente em uma comunidade. Hoje, ouvimos muito, mas

<sup>4</sup> Até o final de 2021, o Brasil reconheceu 65.840 pessoas em situação de refugiado. As solicitações procedem de pessoas provenientes de 139 países, entre os quais 67% da Venezuela; 11% de Cuba e 7% de Angola. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2023/06/20/brasil-reconheceu-mais-de-65-mil-pessoas-como-refugiadas-ate-2022/>.

desaprendemos cada vez mais a habilidade de escutar outros e de dar escuta à sua fala, ao seu sofrimento. Hoje, cada um está, de algum modo, sozinho consigo, com seus sofrimentos, com suas angústias. O sofrimento é privatizado. Assim, ele se torna um objeto de terapia, que tenta curar o eu, a sua *psyché*. Todos se envergonham, culpam apenas a si mesmos por sua franqueza e insuficiência. Não se produz nenhuma ligação entre meu sofrimento e seu sofrimento. Ignora-se, assim, a socialidade do sofrimento (HAN, 2022, p. 130-131).

Dessa forma, a língua estrangeira inverte o sentido comum de “aprendê-la para falar/comunicar” para se deslocar em direção ao “aprendê-la para escutar o outro”, para ouvir a sua alteridade, a sua trajetória, os seus modos de dizer e, principalmente, escutar os silêncios que significam, as hesitações que antecedem atos de coragem de/no dizer após vivências traumáticas.

Essa perspectiva demanda um trabalho fundamentado em gêneros caracterizados por tipologias narrativas e descritivas, em particular o testemunho, o qual possibilita que o sujeito encontre um sentido na experiência. Isso não implica transformar as aulas em sessões de análise, mas sim ressignificá-las como espaços de acolhimento e de (re)apreensão dos sentidos da alteridade em nós. A proposta é arquitetar didáticas e iniciativas lúdicas em que o sujeito-aprendiz possa ouvir e falar, por meio de uma língua estrangeira e suas reconstruções de um “eu”, sobre trajetórias e experiências significativas.

Entende-se como testemunho, isto é, não um relato pautado na verdade, histórica e factual, mas sim uma forma em que articulação linguística e gestual em outra língua que ganha sentidos e pode ser um vínculo ao tecer uma tela de empatia e de solidariedade. Por outro lado, o trabalho com gêneros narrativos também pode possibilitar formas de escuta em que se evite que haja o desmentido<sup>5</sup>, entendido aqui, em termos ferenczianos, como o ato de desacreditar, negar ou mostrar indiferença diante do relato de um acontecimento que é considerado traumático pelo sujeito que expõe sua experiência.

Articulado a didáticas que propiciam o exercício da fala e, em especial, da escuta em língua estrangeira da experiência do outro, é importante elaborar didáticas, a partir da

---

<sup>5</sup> Ao trabalhar o conceito de trauma, o psicanalista Sándor Ferenczi (1873-1933) elabora tal noção em dois momentos na vida da criança. Em linhas gerais, ocorre um evento precoce para o desenvolvimento psíquico da criança, que se configura como um trauma (às vezes de característica estruturante) devido à falha na relação entre um “eu” infantil e um “outro” adulto. Ao compartilhar com outro adulto o acontecimento traumático, a criança pode ter o seu relato negado, desacreditado e deslegitimado por esta pessoa. É neste momento que se instala o trauma patológico no psiquismo da criança.

perspectiva enunciativa e discursiva, com materiais autênticos que tratem sobre a valorização da alteridade, da singularidade e da presença do outro no sentido existencial.

Uma das possibilidades de estratégias didáticas pode vincular-se com os gêneros quadrinhos e charges, em que se articulam imagens e enunciados. Nesses gêneros, muitas vezes, predominam a tipologia dialógica; as perguntas de natureza existenciais ou retóricas e os jogos semânticos polissêmicos com determinados termos, possibilitando uma discussão sobre emoções, sentimentos e sentidos linguísticos e existenciais.

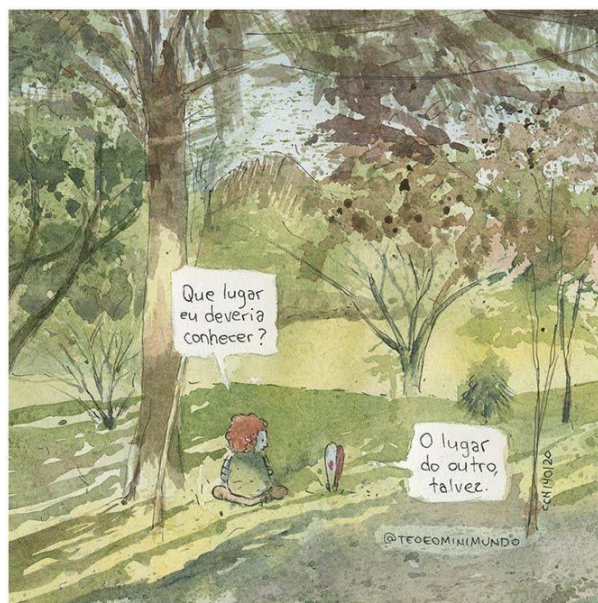
Com relação ao aspecto imagético, os personagens podem ser mais ou menos esboçados, em cenários que aludam reflexão, inclusive, em determinados casos, são cenários abstratos, que jogam com a mescla de cores fortes em oposição a cores escuras. Aliás, as singularidades imagéticas dos trabalhos caracterizam o estilo do desenhista e sua forma de compartilhar sua visão de mundo ao mesmo tempo que permite a conexão com uma série de sujeitos e de coletividades.

Um aspecto fundamental é que se apresente uma interlocução, de forma explícita, entre um “eu” e um “tu”, uma vez que se trabalhe o reconhecimento de um outro e a instalação de uma intersubjetividade enunciativa: a partir de um “eu” que se coloca na materialidade linguística, vai também emergir um “tu”, este outro que faz parte do meu processo de subjetivação, pois ao reconhecê-lo, eu também me reconheço.

Nas redes, há desenhistas que se especializam nesse estilo, em particular durante a pandemia. Inclusive, desenham em *lives* durante o estabelecimento de uma discussão sobre os mais diversos temas, tais como: a saúde mental, a alteridade, a solidariedade, o pertencimento, as relações humanas, entre outros. A título de exemplo, podemos mostrar alguns trabalhos gráficos dos quadrinistas Caetano Cury (brasileiro) e Óscar Alonso (espanhol).



**Figura 1 – Que lugar eu deveria conhecer**



Fonte: <https://www.teoeminimundo.com.br/biografia-de-caetano-cury/>.

**Figura 2 – Bienvenidas**



Fonte: Instagram 72 kilos. Disponível em [https://www.instagram.com/72kilos/related\\_profiles/](https://www.instagram.com/72kilos/related_profiles/).

Além disso, como discutido em um estudo sobre prática docente durante a pandemia em um curso de Licenciatura Letras-Espanhol (FERNANDES, 2022), é possível construir, com

cada discente, um projeto de vida em língua estrangeira, a partir de perguntas transcendentais, como: “Quem eu sou? “Quem eu quero ser?” e “Qual o meu papel no mundo?”.

Com base nas noções presentes nos estudos da Logoterapia (uma escola de psicoterapia de natureza fenomenológica, existencial e humanista)<sup>6</sup>, destaca-se a resignificação da existência por meio do reconhecimento de valores, trajetórias e legados. Essa abordagem enfoca formas de articular o sentido na existência, concentrando-se mais especificamente em um desses três eixos: 1) Realizar uma atividade (remunerada ou não) de valor expressivo existencial; 2) Experimentar uma vivência significativa com algo ou alguém e 3) Transcender uma situação adversa. Tais eixos devem estar coerentes conforme a singularidade e os valores de cada sujeito, em prol de uma vivência autêntica, vislumbrando a construção de um legado, do qual o sujeito se reconheça e se orgulhe.

### **Considerações finais**

Após o percurso reflexivo realizado, no qual foram buscadas alternativas para resignificar a relevância do trabalho com Espanhol como Língua Estrangeira (ELE) e Português como Língua Estrangeira (PLE) no contexto contemporâneo, impactado pela pandemia da COVID-19, optou-se por adotar uma perspectiva interdisciplinar para tecer esse conjunto de articulações. Essa abordagem sistematiza conceitos presentes na Linguística Aplicada e na Psicanálise, incluindo aspectos de natureza existencial-humanística, com base em um olhar metodológico qualitativo e indiciário.

Como hipótese emergente, defende-se que, diante de um panorama desvirtuado pelo desempenho, hiperconsumismo, narcisismo e vazio, é necessário resignificar o trabalho pedagógico com línguas estrangeiras, visando ao reconhecimento da alteridade e singularidade, especialmente em situações caracterizadas pela figura política do Homo sacer. Considerando a humanização como um fator intrínseco, a língua(gem) deve emergir como elemento de resignificação e valorização do humano e de seus direitos, independentemente de suas singularidades.

Retomando a preocupação inicial com a Inteligência Artificial (I.A.), que cada vez mais mimetiza a articulação linguística dialógica do ser humano, o trabalho pedagógico com línguas

---

<sup>6</sup> Fundada pelo neuropsiquiatra austríaco Viktor Frankl (1905-1997), sobrevivente de campos de concentração, a Logoterapia é a terceira escola vienense de psicoterapia, na qual a chave interpretativa para compreender a natureza humana se dá a partir da busca do homem por um sentido para a sua existência.

estrangeiras pode resgatar o processo de subjetivação e o reconhecimento da alteridade. Não se deve reduzir a vivência com o outro a um mero processo informativo de desempenho, no qual se possui uma série de significantes plenos de coesão, mas desprovidos de olhar, voz e corporeidade de um outro ser humano. A constante exposição a esse modo de interação e compartilhamento de experiências no mundo digital pode dessensibilizar para o sofrimento do outro, conduzindo-o ora à indiferença, ora à deslegitimação de sua existência.

O espaço articulado de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, especialmente em línguas tensionadas pela ilusão de transparência e sutis opacidades entre si, deve ser não apenas um lugar de fala, mas também um local de escuta e legitimação da experiência do outro e de nossa própria vivência diante do diferente. Ao vivenciar o “mal-estar na civilização” característico da Contemporaneidade, torna-se essencial (re)elaborar um novo tempo, conforme as reflexões de Han (2022, p. 135); “Em oposição ao tempo de si, que nos isola e separa, o tempo do outro promove uma *comunidade*. Ele é, por isso, um *bom tempo*”.

## REFERÊNCIAS

ACNUR. Brasil reconheceu mais de 65 mil pessoas como refugiadas até 2022. **Agência da ONU para Refugiados**, 2023. Disponível em <https://www.acnur.org/portugues/2023/06/20/brasil-reconheceu-mais-de-65-mil-pessoas-como-refugiadas-ate-2022/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

AGAMBEN, G. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.

AGAMBEN, G. **Meios sem fim**: Notas sobre a política. São Paulo: Autêntica, 2015.

ALONSO, Ó. {Sem título}. Madri. 23 de jul. de 2023. **Instagram**: @72kilos. Disponível em [https://www.instagram.com/72kilos/related\\_profiles/](https://www.instagram.com/72kilos/related_profiles/). Acesso em 30 de jan.de 2024.

BENVENISTE, É. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, É. (org.). **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 2005, p. 284-293.

BIRMAN, J. **O trauma na pandemia do Coronavírus**: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas. Rio de Janeiro: José Olympio. 2020.

COSTA, A. O. De palavras e inconsciente: a função da linguagem na origem da psicanálise. **Revista Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro. v. 47, n. 2, p. 69-98, 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382015000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382015000200005). Acesso em: 15 nov. 2023.

CURY, C. Biografia de Caetano Cury. **Teo & o mini mundo**. Disponível em: <https://www.teoeominimundo.com.br/biografia-de-caetano-cury/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

FERENCZI, S. Confusão de língua entre os adultos e a criança. *In: Psicanálise IV: Obras Completas de Sándor Fenrenczi*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 97-106.

FLANKL, V. E. **Em busca do sentido**: um psicólogo no campo de concentração. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2018.

FERNANDES, I. C. B. **Sentido, Autoconhecimento e Projeto de vida**: articulação entre formação docente em língua estrangeira e formação integral do sujeito para os desafios educacionais na contemporaneidade. 2008. 246f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

GRANATO, L. O que é o BANI e como ele pode mudar a sua carreira. **Exame** [on-line]. São Paulo: Carreira, 2021. Disponível: <https://exame.com/carreira/bani-carreira/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

HAN, B. C. **A expulsão do outro**: sociedade, percepção e comunicação hoje. Petrópolis: Vozes, 2022.

HARARI, Y.; HARRIS, T.; RASKIN, A. Humanidade precisa dominar IA antes que ela nos domine. **Folha de S. Paulo** [on-line], 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2023/03/humanidade-precisa-dominar-ia-antes-que-ela-nos-domine.shtml>. Acesso em: 20 ago. 2023.

LANDIM, W. Chat GPT: o que é, como funciona e como usar. **Mundo Conectado**, 2023. Disponível em: <https://www.mundoconectado.com.br/tecnologia/chat-gpt-o-que-e-como-funciona-e-como-usar/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MACEDO, M. M. K. A (in)visibilidade do outro: reflexões sobre o refúgio e migração. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 42, 2022, p. 1-15. DOI: 10.1590/1982-3703003239394. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/DbF5k9MTyJjngqNBxzqc5hH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2023.

MODESTO-SARRA, L. K. Português como língua de acolhimento: relato de uma prática pedagógica dentro de uma perspectiva intercultural. **Working Papers em Linguística, [S.I.]**, v. 23, n. 2, 2022. DOI: 10.5007/1984-8420.2022.e83786. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/83786>. Acesso em: 20 ago. 2022.

MORIN, E. **Ensinar a viver**: Manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

PARQUETT, M. Lingüística Aplicada, inclusión social y aprendizaje de español en contexto latinoamericano. **Revista Nebrija de Lingüística Aplicada a la Enseñanza de Lenguas, [S.I.]**, v. 6, n. 3, p. 01-23, 2009. DOI: 10.26378/rmlael06114. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33952?locale=es>. Acesso em: 20 ago. 2023.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. *In*: SINGNORINI (org.). **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. São Paulo: Mercado de Letras e Fapesp, 1998, p. 213- 230.

SERRANI, S. O professor de língua como mediador cultural. *In*: **Discurso e cultura na aula de língua**: currículo, leitura, escrita. São Paulo: Pontes, 2005, p. 15–27.

### *CRediT Author Statement*

---

**Reconhecimentos:** Não se aplica.

**Financiamento:** Não se aplica.

**Conflitos de interesse:** Não se apresenta.

**Aprovação ética:** Devido à natureza do trabalho aqui apresentado, não foi necessário a apreciação do comitê de ética.

**Disponibilidade de dados e material:** Os exemplos citados se localizam nos sites indicados nas referências bibliográficas.

**Contribuições dos autores:** Como este trabalho possui um único autor, este foi responsável por todas as etapas do processo de elaboração desse artigo (etapa teórica, metodológica e analítica).

---

**Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.**  
Revisão, formatação, normalização e tradução.

